

Muquifu: um museu que acolhe a diversidade

Muquifu: a Museum that welcomes the diversity

Gabriela Sacramento Palmeira da Silva 

Universidade Federal de São João del-Rei
São João Del Rei, Minas Gerais, Brasil
(gabisacra87@outlook.com)

Christianni Cardoso Morais 

Universidade Federal de São João del-Rei
São João Del Rei, Minas Gerais, Brasil
(tiannimorais@hotmail.com)



Coan, S., Silva, M. L. da, & Braga, J. L. M. (Orgs.). (2021). *Museus, práticas museais e comunidades*. NS Consultoria. <https://tainacan.eci.ufmg.br/meio/livros/museus-praticas-museais-e-comunidades/>

O livro intitulado “Museus, práticas museais e comunidades” (2021) trata-se de uma coletânea em formato *e-book* de textos apresentados no 1º Seminário Internacional do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu). Esse seminário teve como temática “Museus, práticas museais e comunidades”, e foi realizado nos dias 7, 14 e 21 de novembro de 2020, de forma virtual, devido à pandemia de Covid-19.

A obra, que materializa os debates ocorridos durante o seminário, foi organizada por Samanta Coan, doutora em ciência da informação pela Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG) e membro do comitê gestor do Muquifu; pelo Padre Mauro Luiz da Silva, doutor em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), idealizador e curador do Muquifu; e por Jezulino Lúcio Mendes Braga, doutor em educação e professor do Departamento de Organização e Tratamento da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

O livro é composto por apresentação, prefácio, onze capítulos e posfácio. Conta com autores provenientes de diversos lugares sociais e variados campos de atuação, representantes das áreas de museologia, história, educação, ciências sociais, ciência da informação, teologia, *designer* e artes. Essa variedade na formação dos autores possibilitou um profícuo diálogo, construído a partir de diferentes perspectivas, o que vai ao encontro com a proposta do museu, que tem como princípios a denúncia da exclusão e o acolhimento da diversidade.

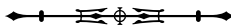
O Muquifu foi idealizado pelo Pe. Mauro Luiz da Silva e inaugurado em 2012. Trata-se de um museu comunitário, que fica localizado na rua Santo Antônio do Monte, n. 708, Vila Estrela, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A palavra ‘muquifu’ remete a uma expressão popular cujo significado é casa pequena, rústica, sem ordem, mas acolhedora. O museu em questão é, ao mesmo tempo, uma capela, uma cozinha e um jardim. Sua história remonta a cerca de 100 anos, quando mulheres do aglomerado Santa Lúcia, em Belo Horizonte, reivindicaram um lugar em que pudessem se reunir para orar. Com o tempo, a capela se tornou também espaço de evocação de memórias e trocas de experiências, bem como de celebração da identidade religiosa e cultural dos moradores. Seu acervo foi organizado pelos próprios moradores do aglomerado Santa Lúcia.

Silva, G. S. P. da, & Morais, C. C. (2026). Muquifu: um museu que acolhe a diversidade. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 21(1), e20230103. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0103

Recebido em 06/08/2025

Aprovado em 10/09/2025

Responsabilidade editorial: Marília Xavier Cury



O seminário, assim como o próprio Muquifu, se ancorou nos ideais da 'nova museologia', que compreende o museu enquanto dispositivo de transformação social. Segundo Santos (2002), esse modo de se praticar a museologia, que ficou inicialmente conhecido como 'museologia social', visa à integração entre a instituição museal e a comunidade, construída coletivamente, o que permite a prática de ações variadas e criativas com o objetivo central de promover o desenvolvimento social.

A partir de discussão conceitual e contextualização histórica realizadas por Tolentino (2016), sabemos que as variadas maneiras de se praticar a 'museologia ativa' (fundamentada nos sujeitos e nos problemas sociais) foram identificadas a partir do conceito mais geral de 'nova museologia'. Os princípios da 'nova museologia' tomaram como referências a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) e o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), sendo esses princípios posteriormente consubstanciados no documento denominado Declaração de Quebec (1984).

De acordo com Scheiner (2012), os museus, sob a perspectiva da 'nova museologia', não só guardam as memórias, mas têm o compromisso de atuar ativamente na luta por uma sociedade democrática. Esses princípios encontram-se nos 11 capítulos publicados no livro que resenhamos.

No capítulo "Muquifu – negras e negros em um pensamento museal", Nila Rodrigues Barbosa apresenta sua visão sobre o Muquifu e como esse museu representa a cultura negra. Todo museu é, para autora, resultado de uma intencionalidade, que reverbera na construção do seu acervo e da sua expografia. Por detrás de toda exposição há ideais e teorias que norteiam a seleção dos objetos no ato de contar uma história. Assim, o Muquifu é um museu de representação que visa expor os processos que excluíram e excluem a comunidade de Vila Estrela, região periférica de Belo Horizonte.

Uma experiência similar, a partir de outro museu de comunidade, pode ser observada no capítulo intitulado

"Reinventar el museo: el Museo del Andén", de autoria de Sônia Barbosa Ortiz, Nicolás Leyva Townsend e Ricardo Toledo Castellanos. O texto versa sobre o Museo del Andén, um projeto de musealização desenvolvido entre fevereiro de 2017 e junho de 2018 por professores e estudantes da Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia. Trata-se de um museu que contava com exposições e instalações artísticas que iam além dos muros da universidade, e teve como objetivo envolver toda a comunidade acadêmica, os moradores, os frequentadores da universidade e, sobretudo, os vendedores informais que trabalhavam nos arredores da instituição de ensino. O intuito foi fortalecer as relações entre os ambulantes enquanto patrimônio imaterial, a comunidade e o governo colombiano.

Já o capítulo "A construção de uma museologia kilombola", de Alexsandro Claudio da Silva, busca construir uma epistemologia e uma museologia decolonial, rompendo, assim, com os padrões europeus. O autor retrata, a partir de sua vivência, os desafios da população negra periférica para adentrar na academia e nela se manter; a luta constante pelo direito de contar a sua história, resguardando as memórias e os saberes próprios do povo negro, a partir de uma história decolonial; e a importância das narrativas e dos saberes contados pelos ancestrais, a história para além dos livros eurocentrados. Conclui-se que é preciso construir uma museologia kilombola, coletiva, feita pela comunidade e para a comunidade, que afirme a cultura negra e seus corpos.

Também abordando o próprio Muquifu, sob autoria de José Augusto de Paula Pinto, o capítulo "Muquifu: museologia com afeto" versa sobre a 'nova museologia' e a possibilidade que essa perspectiva trouxe de construir uma museologia afetiva, na qual o princípio a ser seguido é o da não permanência, buscando, desse modo, construir um museu vivo. Ou seja, a museologia é um processo, é devir, um constante 'vir a ser'. O Muquifu é um museu comunitário que busca construir, segundo o autor, essa museologia afetiva, que respeita as memórias individuais e coletivas. A museologia afetiva transforma o fato museal



e o real, conduz à relação do sujeito com o palpável. Todavia, o afeto é capaz de transcender, abstrair o real e se conectar com o patrimônio intangível.

Buscando elucidar os princípios da 'nova museologia', o capítulo escrito por Dalva R. R. Pereira, intitulado "Museus ativistas", retoma o conceito filosófico de *aesthesis*, do século XVII, restrito à 'sensação do belo', que não incluía as culturas dos povos colonizados. Esse cenário começou a mudar a partir da 'nova museologia', com as noções de 'museu integral' (que se preocupa com os problemas da sociedade) e de 'museu ação' (o museu como instrumento de mudança social). Atualmente, adotou-se a definição de 'museu integrado', que corresponde melhor à função que os museus devem ter na sociedade. A partir dessa concepção, somente os próprios excluídos, por meio da coletividade, se descolonizam e fazem ouvir suas vozes, artes e culturas.

O livro conta também com textos que versam sobre algumas exposições permanentes do Muquifu, como o capítulo "Arte, afeto e memória no trabalho autoral de Bianca de Sá". De autoria da própria artista, o texto enfoca o processo de criação de suas obras a partir de uma metodologia definida como arte ou estética relacional. São analisadas os seguintes ensaios fotográficos: "Vende-se esta casa", "Meu reino sem folia", "Mapa gastronômico" e "Isabel". Essas obras têm em comum a memória afetiva da comunidade e as memórias da autora.

Outro capítulo que se refere a uma exposição permanente do Muquifu é "'Doméstica, da escravidão à extinção' no Muquifu: um espaço de pesquisa no *design*", de autoria de Samanta Coan. A autora analisa a exposição de longa duração do Muquifu, intitulada "Doméstica: da escravidão à extinção – uma antologia do quartinho de empregada", a partir do entrecruzamento de conceitos filosóficos, museológicos e do *design*. Coan realizou cinco

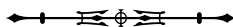
entrevistas, com quatro mulheres moradoras do Morro do Papagaio¹, todas com experiência como trabalhadoras domésticas, e um homem, também morador do morro e filho de doméstica. O texto conta que a ideia da obra nasce do desejo dos curadores do museu de denunciar o lugar ao qual a mulher 'preta e favelada' foi condicionada a ocupar na sociedade brasileira.

O capítulo "Objetos sagrados: performances museais no Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas", de Jezulino Lúcio Braga, apresenta o processo de musealização da "Caixa de Congo de Moçambique", obra artesanal resultado de oficinas realizadas na Guarda do Congo e Moçambique Treze de Maio². O autor retrata os modos como são construídos os instrumentos do congado e como essa tradição extrapola os limites de uma construção artesanal, sendo um ritual religioso. O texto coloca em questão o valor do artefato ao se tornar um objeto museal. A partir de análises da fala de um membro da comunidade, o autor conclui que, no museu, a Caixa de Congo passa a ter um valor de representação e de resistência da história e da cultura afro-brasileiras.

No que diz respeito ao domínio das artes e sua potência social, sob o título "Teologia negra na iconografia da Igreja das Santas Pretas", o capítulo de autoria de Cleusa Caldeira se refere aos afrescos desenhados no interior da Capela da Vila Estrela, denominada de Igreja das Santas Pretas. A igreja foi idealizada por um grupo de mulheres da comunidade, sendo uma tentativa de reconciliação do cristianismo com a ancestralidade africana. A iconografia da Igreja das Santas Pretas é justamente uma ação de resistência com o objetivo de descolonização da visão branca sociorreligiosa hegemônica na sociedade. A pintura de afrescos de 110 metros quadrados (de autoria de Cleiton Gos e Marcial Ávila, o iconógrafo

¹ O Morro do Papagaio (vila Santa Rita de Cássia), como é popularmente conhecido, faz parte do Aglomerado Santa Lúcia, que fica localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Ganhou esse nome por muitas crianças e jovens subirem o morro para soltar papagaios. O aglomerado surgiu no início do século XX, tendo sua ocupação aumentada na década de 1940 (Aglomerado Santa Lúcia, s.d.).

² Guarda de Congo e Moçambique Treze de Maio é uma das mais tradicionais representantes do Reinado, localizada no bairro Concórdia, na cidade de Belo Horizonte.



Pe. Mauro Luiz da Silva) conta as narrativas bíblicas com figuras femininas negras, mulheres de grande importância para a comunidade da Vila Estrela.

Considerando a história do Muquifu e seu reconhecimento social, em “Prospectivas de pesquisa a respeito do Muquifu”, Giuliana Tomasella relata alguns seminários internacionais dos quais ela e representantes do Muquifu participaram, apresentando o museu, suas obras e a comunidade em que ele está inserido. Entre 2014 e 2020, o museu foi apresentado em variados lugares e eventos de relevância internacional. A autora mostra a maneira como o museu recebe mais reconhecimento de comunidades que estão bem distantes dele do que da própria cidade de Belo Horizonte.

Ao apresentar a cultura negra em contexto histórico, o capítulo “Do Muquifu ao NegriCidade: análise da construção da Belo Horizonte segregada”, de Mauro Luiz da Silva, faz uma análise da segregação do povo negro e de sua cultura no processo de construção da capital mineira. Através de uma pesquisa documental, o autor percebeu que a cultura dos congados de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja Católica conviviam em harmonia, e a cultura negra tinha espaço no antigo Curral Del Rey. Essa harmonia durou até a chegada de Dom Cabral, que, como novo bispo diocesano, pediu a proibição das manifestações afro-culturais na capela, a fim de começar uma ‘purificação’ dos rituais católicos e da igreja. Houve, assim, um afastamento da população negra da região central da capital para as periferias.

É possível perceber, a partir do livro que resenhamos, que o Muquifu é um museu comunitário de representação, que se ancora em princípios norteadores da ‘nova museologia’, sendo um lugar da memória e da identidade de um povo excluído no processo histórico oficial.

A obra resenhada traz uma grande contribuição histórica e social, na medida em que revela a história da cidade de Belo Horizonte e do Aglomerado Santa Lúcia a partir de objetos, histórias e memórias de moradores da comunidade, problematizando questões sociais

importantes, que extrapolam os muros do museu e da própria comunidade. A obra “Museus, práticas museais e comunidades” elucida questões relevantes, traz reflexões sobre a ‘nova museologia’, contribuindo, assim, para o campo da museologia, ao alertar sobre a necessidade de ampliação do conceito para uma ‘museologia decolonial’, que se distancie cada vez mais do domínio intelectual e cultural europeu e centre suas perspectivas nos povos excluídos pela história eurocentrada.

A comunidade do Aglomerado de Santa Lúcia tem uma experiência de luta e de mobilização pela garantia de direitos básicos, como moradia, educação e saúde. E, com a criação do museu, a comunidade organizada conseguiu agir para romper o silenciamento que lhe foi imposto, materializando a luta pelo direito à memória e ampliando o conceito de patrimônio para além do que foi estabelecido pelas elites. As atividades empreendidas no espaço do museu pelos agentes da comunidade, o I Seminário Internacional do Muquifu e este livro que resenhamos integram um conjunto de ações que contribuem, sem dúvida alguma, para a valorização da história e da cultura afro-brasileira. Este livro, um artefato cultural potente e que pode atingir muitos leitores, é um belo registro de ações culturais que foram consolidadas a partir de um símbolo vivo, um caso exemplar de museologia ativa, inclusiva e da luta contra o racismo que ainda reina em nossa sociedade e que devemos combater.

REFERÊNCIAS

- Aglomerado Santa Lúcia. (s.d.). Favela é Isso Aí. <https://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/aglomerado-santa-lucia/>
- International Council of Museums (ICOM). (1984). *Declaração de Quebec: princípios de base de uma nova museologia*. Quebec. <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/declaracao-de-quebec-1984-por.pdf>
- Santos, M. C. T. M. (2002). Reflexões sobre a nova museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 18(18), 93-139. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>



Scheiner, T. C. (2012). Repensando o museu integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7(1), 15-30. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000100003>

Tolentino, A. B. (2016). Museologia social: apontamentos históricos e conceituais *Cadernos de Sociomuseologia*, 52(8), 21-44. <https://doi.org/10.36572/csm.2016.vol.52.02>

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

G. S. P. da Silva contribuiu com conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia e escrita (rascunho original) e C. C. Morais com metodologia, supervisão e escrita (revisão e edição).

